ADRIANA ZIERER
ANA LIVIA BOMFIM VIEIRA
ORGANIZADORAS

HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL

VIAGENS E VIAJANTES: CULTURA, IMAGINÁRIO E ESPACIALIDADE

EDITORA UEMA
Cogito, Ergo Sum

SÃO LUÍS
2012

© copyright 2012 by UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA UEMA.

EDITORA UEMA
Cidade Universitária Paulo VI - CP 09 Tirirical
CEP - 65055-970 São Luís - MA
www.uema.br - editorauema@gmail.com

EDITOR RESPONSÁVEL
Iran de Jesus Rodrigues dos Passos

CONSELHO EDITORIAL

Porfírio Candanedo Guerra - PRESIDENTE
Iran de Jesus Rodrigues dos Passos - EDUEMA
Joel Manuel Alves Filho - CCT/UEMA
José Bello Salgado Neto - CCT/UEMA
Ricardo Macedo Chaves - CCA/UEMA
Ilmar Polary Pereira - CCSA/UEMA
Evandro Ferreira das Chagas - CECEN /UEMA
Lincoln Sales Serejo - CECEN/UEMA
José Carlos de Castro Dantas - CECEN /UEMA
Gílson Soares da Silva - CCA/UEMA
Rossane Cardoso Carvalho - CCT/UEMA
Nordman Wall B. de Carvalho Filho-CCA/UEMA
Sebastiana Sousa Reis Fernandes- CECEN/UEMA
Rita de Maria S. N. de Candanedo Guerra - CCA/UEMA
José Mílton Barbosa - CCA/UEMA
Marcelo Cheche Galvês - CECEN/UEMA
Protásio César dos Santos - CCSA/UEMA
Rosirene Martins Lima - CCSA/UEMA
Zafira Silva de Almeida – CECEN/UEMA

ASSESSORA TÉCNICA
Antonia de Fátima de Farias

CAPA
Henry J. G. Lisbôa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Kerly Ferreira

História Antiga e Medieval – Viagens e Viajantes: cultura, imaginário e espacialidade /Adriana Zierer, Ana Livia Bomfim Vieira, (Orgs.). – São Luís: Editora UEMA, 2012.

400 p.

ISBN 978-85-86036-91-0

1. História Antiga. 2. História Medieval. 3. Cultura. 4. Viagens.

5. Espacialidade I. Zierer, Adriana. II. Vieira, Ana Livia Bomfim.

CDU: 94 (100) "05/..."
CDU: 94 (100) "05/14"

A revisão ortográfica dos textos é de inteira responsabilidade dos autores

CARTAS DE UM ESCRIBA EM VIAGEM DE TRABALHO (XX DINASTIA - EGITO ANTIGO)

Margaret M. Bakos (PUC-RS)[1]

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo propõe-se a examinar três cartas egípcias pouco conhecidas pelos historiadores brasileiros: trata-se de relatos contendo informações pontuais e relevantes no que concerne ao ofício de escriba no mundo faraônico. As cartas pertencem a um *corpus documental* constituído pelas correspondências trocadas entre um escriba real, Dhutmose, em missão de trabalho na Núbia e seus funcionários e parentes, residentes em Deir el Medina. Do acervo, que é imenso, selecionaram-se apenas três cartas, escritas no ano 6 da chamada renascença egípcia, devido às temáticas por elas abordadas e à sua representatividade. A primeira carta analisada é redigida por Dhutmose para os funcionários da necropólis de Deir el Medina, em Tebas; a segunda é a resposta, por ele recebida, de um de seus funcionários; a última foi remetida por Dhutmose a seu filho Butehamun, também escriba da tumba.

Devido à vulnerabilidade de Deir el Medina, inúmeros foram os ataques líbios à vila no decorrer da XX dinastia, o que obrigava seus moradores a se mudarem para o interior das fortificações do Templo Mortuário de Ramsés III, em Medinet Habu. Durante esse período, Dhutmose foi enviado à Núbia, para controle e registro das rações dos soldados, para lá enviados com vistas à defesa das fronteiras do império egípcio, que sofria ataques sistemáticos das populações locais.

Como se sabe, em Deir el Medina, viviam os trabalhadores encarregados da construção e decoração, nos vales da região tebana, de templos, tumbas e obeliscos, alguns deles monumentais, destinados aos faraós, a seus familia-

---

1 Profa. Adjunta do Curso e do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS); doutora em História (USP); pós-doutora em História (University College London); bolsista de produtividade do CNPq.

res e à nobreza egípcia, a partir da XVIII dinastia (1550-1307), responsável pela expulsão dos hicsos, até o início do 3° Período Intermediário. A morte de Ramsés III determinou, com o final da XX dinastia e o surgimento da XXI dinastia (1070 a.C.), o abandono da região e o retorno da corte para o Baixo Egito.

A documentação encontrada na vila abandonada permaneceu soterrada por quase dez séculos, começando a emergir com as escavações arqueológicas realizadas a partir do século XVIII d.C. Entre outros documentos, foi localizado um fabuloso conjunto de cartas, bilhetinhos em ostrakas e textos de cunho didático pedagógicos, cujo tom sentimental e afetivo, inusitado em outras fontes tradicionais, é o aspecto que se visa ressaltar neste artigo.

SOBRE QUEM ESCREVIA CARTAS NO ANTIGO EGITO

O conhecimento que se detém sobre a atividade dos escribas fundamenta-se em um texto clássico da literatura egípcia, intitulado **A sátira dos ofícios**, pertencente a um gênero conhecido como *ensinamentos de sabedoria*[2].

Esse texto estrutura-se, na verdade, sob a forma de monólogo, tendo como protagonista um pai que fala ao filho sobre as vantagens de se tornar escriba, ao longo de uma viagem, rumo a um lugar conhecido como *Escola da vida*[3], onde o garoto iria aprender a ler e a escrever na linguagem dos hieróglifos. O filho apenas ouve.

---

2 Uma das características mais marcantes dos escritos desse gênero é que eles expressam um pensamento tão dirigido e rígido, como se tivessem sido criados dentro de uma moldura. Nesse sentido, tais textos manifestam uma noção de sociedade regrada e perfeitamente organizada. Por veicularem essa idéia, certamente cooperaram, e muito, para institucionalizar máximas estruturalmente construtivas do processo formativo da cosmovisão do Antigo Egito. Entre elas, destaca-se a que afirma que *"Assim como o deus sol nunca falhou no seu círculo diário, assim o rei divino garantiu a ordem humana"*. Tal idéia, e outras contidas em máximas semelhantes, foram unificadas nesses trabalhos narrativos, nos quais o pai instrui seu filho (LICHTEIM, 1975, apud. BAKOS, 2001, p. 31).

3 No decorrer do Reino Médio, aparece a expressão Casa de instrução que, certamente, indica o que hoje se denomina de escola. Somente depois do Novo Reino começam a aparecer dados sobre a idade dos alunos, o número deles em cada classe, currículos e demais fatos didáticos.A partir dessa época, o uso do livro de texto, como já se pode chamá-lo, torna-se cada vez mais freqüente e generalizado. O texto clássico de ensinamento nas escolas chama-se KEMIT ou SUMA (BAKOS, 2001, p. 127).

Cabe enfatizar que, para os antigos egípcios, o ato de escrever, cujas origens eles desconheciam, significava bem mais do que o mero registro de um nome, coisa ou pessoa: era uma criação. Eles atribuíam o desenvolvimento dessa habilidade aos ensinamentos de um deus, Thot, o que fazia daqueles que praticavam essa escrita, os escribas, seres especiais, possuidores de conhecimentos de caráter divino.

Dua Khety, o pai, da **Sátira dos ofícios**, faz primeiramente a análise de quinze atividades, que vão da de oleiro, bastante cruel, porque obriga a remexer na lama como um porco, até a de pescador, a mais sofrida, porque obrigava a ter os crocodilos como companheiros de ofício. A seguir, Dua Khety elogia as condições de trabalho e as recompensas destinadas aos que soubessem ler e escrever, salientando a característica que julga principal: *não há profissão sem chefe, exceto a do escriba. Ele é sempre tratado com dignidade por onde quer que vá.*

Sabe-se que a cópia e a memorização de textos era a base do processo de formação do aprendiz de escrevinhador, cuja formação começava aos quatro anos de idade e só terminava aos dezesseis. O aprendizado da escrita era lento e servia para expressar uma língua literária, arcaica, bastante diferente da linguagem falada. Os métodos de ensino eram de um empirismo sofrido e compreendiam dois ciclos de estudos. O primeiro consistia na memorização, pela repetição, de listas de hieróglifos, numerados e classificados em categorias, juntamente com os seus significados. Depois, os jovens passavam aos exercícios de cópia de textos religiosos: as rezas a Thot; as lições de sabedoria, com máximas de ordem moral; as cartas privadas, e, finalmente, a iniciação nas práticas de composição.

Há outros textos que falam sobre aspectos menos agradáveis da formação do escriba, como, por exemplo, a forte competição existente, entre esses profissionais. Faz-se referência aqui a um texto conhecido como o **Papiro Anastasi I**, que relata a disputa verbal, travada entre dois escribas, em torno da competência profissional de ambos. A discussão expõe os critérios de medição dessa qualificação, construídos e esclarecidos no decorrer da própria narrativa. Ao longo dessa contenda, vem à tona o relacionamento tenso vivenciado por eles, cujo tom, em alguns momentos, chega a ser muito agressivo. O texto ainda aponta os desafios pertinentes à profissão, tais como a necessidade de cuidado com as palavras, bem como alerta para os motivos vis muitas vezes empregados para humilhar um profissional, tais como o apelo às suas raízes pessoais humildes, o que o torna mal visto na elite constituída pelos escribas.

Em síntese, a história relatada no **Papiro Anastasi** é a seguinte: Hori, escriba dos estábulos reais, posição muito honrosa junto ao Palácio do Faraó, em circunstâncias não explicadas na missiva, envia uma carta para Amenemope, um escriba militar, que está em campanha de conquistas fora do Egito. Hori inicia a carta, registrando que Amenemope havia omitido as saudações iniciais, que são o desejo de *vida*, *prosperidade* e *saúde* ao receptor; a seguir aponta a incompetência do escriba militar para expressar a solicitação de grãos para os soldados que estão a seu serviço. Além disso, Hori acusa Amenemope de ignorância no que concerne aos conhecimentos de geografia, engenharia militar e, principalmente, bem como de desconhecimento quanto à sua origem familiar humilde, o que, aliás, segundo ele, explicaria a redação confusa e mal-escrita da missiva enviada.

Não se possui a carta de Amenemope, pois dessa troca de correspondência restou apenas a carta de Hori. Os fatos precedentes podem ser deduzidos pelo relato contido na missiva em análise, que se estrutura em três momentos distintos: (1) **o prólogo**, no qual Hori apresenta e sistematiza seus atributos, competências e posto na hierarquia dos escribas faraônicos, defendendo-se dos ataques feitos por Amenemope a essas condições; (2) **a longa narrativa**, na qual Hori expõe, classifica e discute a inconsistência dos argumentos apresentados e a incompetência de Amenemope para fazer qualquer tipo de acusação; (3) **o epílogo formal**, no qual Hori sugere a Amenemope que aceite as críticas, reformule sua postura, deixando de lado a arrogância, até porque não lhe resta outra alternativa. Esse longo texto em formato de carta é um indício da importância conferida à correspondência no antigo Egito como se verá a seguir.

SOBRE AS CARTAS DE DHUTMOSE

As cartas deste artigo obedecem uma estrutura semelhante à apresentada pelo **Papiro Anastasi**; são, porém, permeadas por tons de extrema afetuosidade. A qualificação dos escribas é excelente, porque todos iniciam as missivas com saudações cordiais e demonstram um conhecimento erudito sobre os deuses. Nos textos, os temas tratados são de interesse mútuo, ou seja, tanto do enunciador como do receptor, aparentemente traduzidos por um diálogo objetivo que precisa os sentidos a serem informados a uns e outros sobre os contextos em que vivem. Salienta-se ainda um aspecto que perpassa toda essa correspondência: a preocupação manifesta pelos enunciadores com o bem estar das pessoas citadas nas cartas, que todos conhecem.

A primeira e a segunda carta seguem, transcritas na íntegra, em tradução realizada por Wente da releitura dos hieroglifos dos originais feita por Yaroslav Cerny. Trata-se de dois textos pequenos que podem ser bem trabalhados em atividades de ensino-aprendizagem. A terceira, por ser extremamente longa, será examinada pelo desdobramento das temáticas abordadas. Além disso, por se tratar de uma correspondência trocada entre pai e filho, será conferida nessa leitura uma ênfase especial aos aspectos relativos às sensibilidades que ela faz aflorar daquele passado distante do qual pouco se conhece no que concerne às relações familiares.

O que articula e confere relevância a esses três documentos são os seus contextos de criação. Como se relatou, trata-se de uma interação comunicativa entre uma pessoa distante, em perigosa viagem de trabalho, e outras, praticamente isoladas pelas muralhas protetoras de um templo funerário. Assim, tanto enunciadores como receptores estão aterrorizados, deixando transparecer, em sua narrativa icônica, a expressão de muitos medos. Eles fazem dos seus textos locais de âncora, onde inscrevem seus pedidos de ajuda. E também, de refúgio, no qual buscam, mais do que serviços, a simpatia e a solidariedade. Ao final de todas as cartas, está presente o apelo derradeiro por uma longa velhice e, principalmente, pela oportunidade de viver! As missivas, nesse sentido, tornam-se um espaço instituído pelas crenças comuns nos mesmos deuses e pelas esperanças conjugadas no mesmo ritmo – as de um reencontro em breve.

CARTA n. 1

Remetente: Dhutmose, o escriba da necropolis, apelidado Tjaroy, dirige-se ao chefe da turma de trabalhadores da Necrópolis Bakenmut e à sua equipe de funcionários.

Dinastia 20: ano 6 da Renascença

O escriba da grande e nobre necrópolis Dhutmose para o mestre (chefe da turma...) Bak (en) mut e o mestre Amenhotep, o profeta Amen (...), o guardião Kadere, Pentaume, Paby, Heramenpenaf, Pakhor, e todos os trabalhadores da necropolis. Eu estou chamando por Arsaphes, senhor de Heracleopolis, Thot, Senhor de Hermópolis, e todo deuses e (todos) deuses por quem eu passo, peço para lhe dar vida, prosperidade e saúde, uma longa vida, e uma boa maturidade na velhice, e lhe trazer favores na presença dos deuses e do povo. Como está você? Como está o seu povo? De fato, Estou vivo hoje; amanha está nas mãos de deus. É por isso que eu busco ver e saber de vossa condição diariamente. Qual seria a razão de enviar tantas cartas enquanto você não me envia nenhuma? O que eu

> fiz contra você? Mesmo que eu tenha cometido inumeráveis erros pode uma boa ação fazê-las esquecer? Porque eu sou uma pessoa muito simpática a você, bem simpática.
> Por favor, convoque Amon dos Tronos das duas Terras e Merseger para trazer-me de volta vivo (da) selvageria de Namekhay e dê sua atenção pessoal a Butehamon, Shedemdua, sua pequena criança, e o povo que está nos campos para protegê-los de coisas más feitas contra eles.
> Uma última comunicação para o cidadão Tanedjeme, Tasepa, o barqueiro, e o povo todo: Por favor convoque Amon para trazer--me de volta, porque eu tenho estado doente desde que eu cheguei no norte e eu não estou no meu estado normal. Não deixem suas mentes se voltarem para outra coisa. Tão logo minha carta chegue a você, você deve ir para o átrio de Amon dos Tronos das Duas Terras, levando a pequena criança com você e persuada ele e diga a ele que manter-me a salvo.

A queixa expressa pelo escriba quando à falta de respostas e à busca de explicação para isto, a ideia de que o silêncio resultaria de um ato equivocado do emissor é, de fato, uma característica das escritas de si em todas as épocas. As diferenças aparecem no apelo aos deuses exóticos do antigo Egito.Nesta carta, em especial, salienta-se a importância conferida a uma divindade própria da vila de Deir el Medina: Meretseguer. Ela era, sem dúvida alguma, a mais cultuada na vila. Deusa serpente, que habitava as montanhas, de onde viagiava o vale de Deir el Medina, Mertseger gozava de grande prestígio na área das necrópoles. Daí por que um de seus epítetos era *aquela do cume do ocidente*. A deusa era representada tanto por uma cobra enrodilhada, como por uma cobra antropomorfa, com um corpo feminino, de cuja cabeça se projetava uma carapaça de cobra. Meretseger também aparece referida nos rituais como *aquela que ama o silêncio*. Tida como justiceira, dizia-se da deusa que ela castigava com a cegueira ou com picadas venenosas os trabalhadores que cometessem crimes ou juramentos falsos.

As condições de trabalho na vila devem ter contribuído para a difusão dessas crendices, explica George Hart,incitando a um enorme medo de cobras e escorpiões. Mas a população acreditava também que Mertseguer poderia agir como um *leão buliçoso* que curava as pessoas, quando convencido de seu arrependimento. Essa divindade foi, não obstante, caindo no esquecimento à medida que a vila foi sendo abandonada, a partir da XXI dinastia (BAKOS, 2011, p. 37-57). No período em que Dhutmose escreve essas cartas, Deir el Medina

ainda ocupava um lugar especial no imaginário popular, o que pode ser comprovado pelas próprias correspondências, uma vez que o local de seu santuário havia sido abandonado.

CARTA n. 2
Remetente: Profeta Amenhotep, para Dhutmose
O escriba da grande e nobre necrópolis Dhutmose do profeta de Amenóphis, Amenhotep: Na vida, prosperidade e saúde e no favor de Amon-Re, Rei dos Deuses, Mut, Khonsu, e todos os deuses de Tebas! Cada único dia eu estou convocando Amon-Re-Harakhti quando ele levanta e no ocaso sobre Amon do trono das Duas Terras, sobre Amenophis, l.p..h, e Nofretari, l.p.h, e sobre Amon, Unidos com a Eternidade, e sua ennead para dar a você, e um 'rasgo' de velhice, e muitos favores na presença de Amon-Re, Rei dos Deuses, e na presença do general, seu senhor. E possa Amon dos Tronos das Duas Terras trazer você de volta salvo e nós podermos nos abraçar. E mais ainda: Eu tomei nota do que você me escreveu *"Dê sua atenção pessoal ao escriba Butehamon, para a cantor de Amon-Re, Rei dos Deuses, Shedemdua e seus filhos"* assim você disse, eles estão todos bem; amanhã está nas mãos de Deus. É ele quem nós queremos ver.
Eu estou chamando Amon-Re, Rei dos deuses, para dar o seu favor na presença do general, seu senhor, e possa Amon trazer você de volta salvo e eu possa abraçá-lo saudável com o perigo afastado (?) abraçar-te ileso, fora de perigo. Amon do Trono das Duas Terras tendo salvo (você). Você é seu servo. Eu estou apresentando você ao (oráculo de) Amenophis, l.p.h sempre que ele aparece em procissão. *"Eu irei protegê-lo. Eu vou trazê-lo (text: você) de volta e salvo. (text: você) vamos encher os seus olhos com o átrio da minas"*, ele fica me respondendo. Estou te escrevendo para te informar. Adeus!
(Post script) E não pare de me escrever sobre suas condições através de qualquer pessoa que venha para o sul para que nossos corações possam se jubilar.
Outro assunto da necrópolis escriba Tjaroy. Não te preocupes sobre a garota Hemeshri''s. Ela está com boa saúde. Nada de ruim lhe aconteceu.

Além das saudações tradicionais, a carta do Profeta Amenhotep utiliza-se de uma simpática metáfora ao solicitar que Tjaroy mantenha a correspondência em dia para que *os corações de seus conterrâneos se alegrem.* A força dessa expressão em hieróglifos é digna de nota, como se pode ver, a seguir, na forma como se escrevia o nome do escriba angustiado. No início do nome de Dhutmose se desenhava imagem do deus da escrita, Thot, seguida de dois

hieroglifos fonéticos, que compõem o seu nome. O homem sentado é o determinativo de pessoa masculina.

DHUTMOSE

Finalmente, a última carta escolhida é uma missiva de Dhutmose ao seu filho, o escriba Butehamun. A sensibilidade do escriba aflora já de início quando ele, de forma muito delicada e inclusiva, remete a carta também à esposa de Butehamum, a cantora de Amon, Sedemuia. Ele inicia com as saudações tradicionais de vida, prosperidade e saúde em favor de Amon-Re, rei dos deuses. O sogro ainda acrescenta uma invocação ao deus Thot, senhor de Hermópolis, a quem pede uma longa velhice. A seguir, diz que vai responder a todas as questões enviadas pelo filho através de uma terceira pessoa, que Wente traduziu como alguém com condições de tratar dos bens de Butehamum, uma espécie de procurador e/ou advogado, denominado Nesamun. Tais questões dizem respeito:

1. à destinação de vasos e jarras para armazenar grãos, que recomenda sejam guardados;

2. aos burros doados por Butehamun a um sacerdote *web* Tjaumehi (em) hab para levar os grãos; a esse respeito, lembra o filho de que prometeu um registro completo do que fora armazenado no celeiro e de que deve devolver os burros à polícia, o capitão Sermontu, com a ideia de carregá-lo com os seus grãos que estão nos campos;

3. às providências a serem tomadas quando a enchente subir; promete ao filho que ele vai receber em troca o barco de transporte por ele enviado, que deve dar aos pescadores e policiais;

4. às ações a serem supervisionadas e registradas pelo escriba Pentahunakht, filho de Sobeknakht;

5. à guarda dos registros, porque pensa que o filho vai achá-los úteis para a realização de suas tarefas de juntar a madeira e o carvão que (os) homens cortaram, e levá-los para a sua casa.

Dhutmose desculpa-se pelas inúmeras tarefas solicitadas ao filho e diz: *"De fato você tem um dia cheio pela frente"*. Ele faz, a seguir, outros tipos de solicitações, desta feita, relacionadas à família

(1) Você deve olhar as crianças pequenas e cuidar delas de forma apropriada da mesma forma dessa filha de Hemesheri, sua mãe e sua nani. E você deve atender suas necessidades;
(2) E você deve atender os soldados e observá-los de perto. E você deve dar sua atenção pessoal para os homens que estão no país e fazê-los trabalhar apropriadamente.
(3) E você não deve deixar os meninos pequenos que estão na escola parar de estudar.
(4) E você deve cuidar do povo que está na minha casa e dar-lhes vestimentas. Não deixem que andem nus! E você deve trazer de volta os três peças de vestuário que Pakhor tem em sua posse.
(5) E você deve olhar esses três pedaços de terra nossa e ter ali montes podados da mesma maneira que os de Nesmontu usados para cultivar.. E você deve podar as arvores desde o começo do distrito de Pré até as fontes do distrito.
(6) E você deve olhar a filha de Khonsmose e fazê-la escrever uma carta para mim e mandá-la para mim. E você não deve deixar Hemsheri e Shedemdua nem suas pequenas crianças sentirem falta de alguma coisa.
(7) E você deve dizer a Tapeses que encontrei Paturas no Promontório do Norte (El-Hiba). E você tenha o seu pátio terminado e protegido com alguma obra improvisada. E você deve olhar a canga dos bois que estão a cargo do pastor Nesamon, filho de Djahy, e levá-los a Paydegesh.
(8) E você deve levar água para Amon no trono das Duas Terras e diga-lhe para manter-(me) salvo. E você não deve negligenciar (...) Paykamen, meu irmão. Não negligencie eles (...) até o dia do meu retorno.
(9) E você deve dizer a Amon para remover esta doença que está em mim.

ALGUNS APONTAMENTOS

Essas correspondências de Dhutmose permitem um contato mais próximo com o modo de vida no antigo Egito, possibilitando que se vislumbre, de forma mais direta e objetiva, a forma de estruturação e de vivência das relações familiares; os tipos de demandas de ajuda que vigiam entre os membros de uma família, em uma comunidade na qual existem experiências concretas de afastamento entre pais, filhos, cônjuges. Essas cartas dizem de como são remotos os laços que vêm sustentando hábitos saudáveis e fraternais. Mais ainda,

elas evidenciam, de forma única, que, nesses tempos tão distantes, há havia uma escrita assumida pelo enunciador. Esse fenômeno que, constumeiramente, a historiografia atribui à modernidade[4], já se fazia presente no antigo Egito. De todos os enunciados, salienta-se um, presente em duas das missivas, mas redigidas por escribas diferentes: *Estou vivo hoje; amanhã está nas mãos de deus.* Ele constitui-se na evidência de que a afirmação de Heródoto (485 a.C. a 430 a.C.) sobre os egípcios, como sendo o povo mais religioso por ele conhecido, está correta.

REFERÊNCIAS

BAKOS, M. Relações familiares em Deir el Medina, **Phoînix**, Rio de Janeiro, ano I, p. 153-169, 1995.

_____. **Fatos e mitos do antigo Egito**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUC, 2001.

_____. **O que são os hieroglifos**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. Desdobramentos de um desejo. In.: FUNARI, P.P. et al. (org.). **Amor, desejo e poder na Antigüidade**. Campinas : Unicamp, 2003. p. 29-391.

BAKOS, M. M. Deir el Medina: deuses e escritas de si na epigrafia (As estelas votivas), **Phoinix**, UFRJ, v. 17, série 1, p. 37-57, 2011.

BAINES, J.& MÁLEK, J. **Atlas of Ancient Egypt**. Oxford: Phaidon, 1988. p.36.

CERNY, Jaroslav. **A community of workmen at Thebes in the Ramesside period**. Cairo: Institut Français d'Archeology Orientale du Caire, 1973.

CERNY, J. **Papers & books in Ancient Egypt**. London: University College London, 1947.

DEMARÉE,R.J. Village voices.Proceedings of the Symposium'Texts from deir el Medina and their interpretation". Leiden,may-june, 1991.

GOMES, A. C. (Org.) **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

JANSSEN, R.& J. Literacy and letters at Deir el Medina. In.: DEMARÈE, R.J. **Proceedings of the Symposium**: texts from Deir el Medina and their interpretation. Leiden: Centre of Non-Western Sudies, 1991.

4 Ver, por exemplo, GOMES, 2004.

LESKO, L. **Pharaoh's workers**. The villagers of their el Medina. New York: Cornell University Press, 1994.

LICHTEIM, Miriam. **Ancient egyptian literature**. Berkeley: University California, 1975.

TOSI, M. & ROCCATI, A. **Stele e altre epigrafi di Deir el Medina**. Torino: D'Arte Fratelli Pozzo, 1972.

WENTE, Edward. **Letters from ancient Egypt**. Georgia: Scholars Press, 1990.

CERNY, J. A community of workmen at Thebes in the Ramesside period. Cairo. Institut Français D´Archéologie Orientale du Caire, 1973.